

EDUCAÇÃO INFANTIL
DIÁRIO DE UMA
PROFESSORA
APRENDIZ:
AUTISTA E LIBRAS

JANAÍNA HELENA DA MOTA



Pedro & João
editores

**DIÁRIO DE UMA
PROFESSORA APRENDIZ:
AUTISTA E LIBRAS**

JANAINA HELENA DA MOTA

**DIÁRIO DE UMA
PROFESSORA APRENDIZ:
AUTISTA E LIBRAS**



Pedro & João
editores

Copyright © Janaina Helena da Mota

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Janaina Helena da Mota

Diário de uma professora aprendiz: autista e Libras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 96p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-265-1449-8 [Impresso]
978-65-265-1720-8 [Digital]**

1. Diário. 2. Professora aprendiz. 3. Autismo. 4. Língua brasileira de sinais. I. Título.

CDD – 370/371

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Uma jornada inspiradora!

Ser professora é não ter intenção.

As crianças têm um perfil em comum.

A natureza e sua diversidade.

Uma língua de modalidade gestual-visual.

Encontro de famílias.

Mapas na educação infantil, mapas do processo.

Autismo e a Libras uma abordagem possível.

Crônicas comentadas

Uma jornada inspiradora!

QUANDO? Ser professora é uma jornada repleta de desafios e recompensas. Cada dia traz novas oportunidades para inspirar e ser inspirada pelas crianças. A dedicação e a paixão pelo ensino transformam vidas e constroem futuros.

Ser professora é não ter intenção.

QUERER? A verdadeira essência de ser professora está em ensinar com o coração, sem esperar nada em troca. É sobre guiar, apoiar e celebrar cada pequena conquista das crianças e da professora, sabendo que cada passo é um avanço significativo.

As crianças têm um perfil em comum.

POR QUÊ? Apesar das diferenças individuais, todas as crianças compartilham a curiosidade, a capacidade de aprender e o desejo de serem compreendidas e aceitas. Reconhecer esse perfil comum ajuda a criar estratégias de ensino que atendam às necessidades de todos.

A natureza e sua diversidade.

COMO? A natureza é uma fonte inesgotável de aprendizado e inspiração. Explorar a diversidade natural pode ensinar às crianças sobre a importância da preservação ambiental, a interdependência dos seres vivos e a beleza das diferenças.

Uma língua de modalidade gestual-visual.

SENTIR? A Língua Brasileira de Sinais, é uma língua rica e expressiva que utiliza gestos e expressões faciais para comunicação. Integrar Libras no ambiente escolar promove a inclusão e facilita a comunicação entre surdos e ouvintes.

Encontro de famílias.

Ver? Os encontros de famílias na escola são momentos valiosos para fortalecer a parceria entre pais, crianças e

professores. Esses encontros promovem o diálogo, a compreensão mútua e o apoio necessário para o desenvolvimento integral das crianças.

Mapas na educação infantil, mapas do processo.

DESENHAR O PROCESSO? Os mapas são ferramentas poderosas na educação infantil. Eles ajudam as crianças a visualizarem conceitos, organizar informações e entender processos complexos de maneira simples e intuitiva.

Autismo e a Libras uma abordagem possível.

FAZER? A integração de Libras no ensino de crianças autistas pode ser uma abordagem eficaz para melhorar a comunicação e o desenvolvimento social. Libras oferece uma forma alternativa de expressão que pode ser mais acessível e confortável para algumas crianças com autismo.

Livro dedicado!

TRES MARIAS!
TRES ESTRELAS!
UMA NO CEU!
DUAS NA TERRA!
ANSIOSAS PARA IR CEU!
TEMPO DE DEUS!
AJUNTAR AS TRES MARIA!
ENQUANTO ISSO!
FICA RUTE E NOEMI.
MULHERES RESPEITO FORÇA NA
DIVERSIDADES.





Mary Grandin

“Eu sou uma pensadora visual, não uma pensadora baseado na fala. Meu cérebro é como o Google Imagens. “

Uma jornada inspiradora!

1º crônica

Diversificada e dedicada, esta é uma reflexão valiosa sobre a educação infantil e a importância da comunicação inclusiva através da língua de sinais. O amor pelas crianças e pela Língua Brasileira de Sinais (Libras) me conduziu de volta ao ambiente escolar, culminando em minha formação em Letras Libras.

Com formação em Pedagogia e Psicopedagogia, comecei a fazer vários cursos na área da Educação Especial, especialmente na área de deficiência física. No entanto, a vida me levou a fazer um curso de pós-graduação em Libras no Mackenzie.

Este livro representa uma reflexão pessoal acerca do que significa ser professora na educação infantil, especialmente com crianças de 0 a 3 anos. Ele enfoca as experiências e aprendizados de uma professora de creche ao observar e interagir com as crianças. Destaco a importância do desenvolvimento profissional contínuo

dos educadores e a riqueza dos insights que podem ser obtidos ao prestar atenção às interações das crianças.

É um livro que enfoca as experiências e aprendizados de uma professora de creche ao observar e interagir com as crianças, uma jornada autobiográfica, pois as crianças e bebês me ensinaram a perceber e ouvir o protagonismo delas. Portanto, não tem capítulos, mas histórias do cotidiano extraordinário, diverso e provocativo.

Minha jornada é quase autobiográfica, pois, como professora, tornei-me também uma aprendiz. As crianças e bebês me ensinaram a perceber e ouvir o protagonismo delas.

Há muitos anos, uma criança nasceu com falta de oxigenação no cérebro e desenvolveu-se lentamente. Fez terapia do brincar, pois era difícil pular corda, se comunicar, brincar de lego, brincar de carrinho bate-bate, amarrar o cadarço do tênis. Mas este não era apenas um problema.

Na puberdade, ela continuava quieta, pouco falante. Seu primeiro emprego foi como estagiária de magistério no Estado. Uma jovem de 19 anos que quase não socializava enfrentou grandes dificuldades para ser professora. Foi então que uma diretora na época disse: “Você não tem perfil de professora do fundamental! Você

tem perfil para professora da Educação Infantil”. Ela estava certa.

Aprovada no concurso de professora de Educação Infantil, o começo não foi fácil. Ela começou trabalhando no Berçário, com os bebês. Até que um dia, um bebê marcou a minha vida para sempre. Infelizmente, esse bebê não chegou a completar um ano de vida e partiu para o céu no colo da mãe em casa.

Este fato me deixou extremamente triste e ainda mais cuidadosa com os bebês, até que o tempo foi passando e, com 8 anos de carreira, descobri a Língua de Sinais Brasileira e a comunidade surda.

Compreender a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em minha jornada me trouxe uma incrível descoberta, uma perspectiva de transformação e me conectou com a comunidade surda. Melhor, a Libras me descobriu e me salvou.

A percepção do mundo varia de pessoa para pessoa, mas a fascinante Libras me revelou as características dos surdos que compartilho mesmo sendo ouvinte. Por exemplo, a literalidade, a dificuldade com ironia e a ênfase no visual são aspectos interessantes a serem explorados.

No início desta jornada na Libras, assisti a vários vídeos, tutoriais e aulas em Libras. A imersão visual ajuda a internalizar os sinais e a gramática. Treinar Libras no espelho não era fácil, nem possível até hoje. Me ver sinalizando não é fácil, filmar sinalizando não é fácil, como também não consigo ouvir áudio nem vídeo, seja em português ou em Libras. E em curso de aperfeiçoamento também é diferente, pois não sinalizo. Meu processo é de olhar, observar como as outras pessoas interpretam, pensar como eu faria sem sinalizar num processo apenas mental. Quando o professor pede para sinalizar em Libras, aí acontece naturalmente, sem sinalizar anteriormente.

A partir dela, percebi que meu jeito de ver o mundo não era igual ao da maioria das pessoas, que tinha algumas características dos surdos que não deveria ter por ser ouvinte. Entre elas, ser literal, não entender ironia, ser visual. Se alguém falar “vamos ao shopping”, eu vou achar que é naquele momento imediato, então pergunto “quando?”. Assim, com essas inquietações, entre outras, percebi o que estava acontecendo: a Janaina se descobriu autista. (deixa assim como está) eu tenho essa mania de falar.

No começo, interpretar a Libras era apavorante, conversar com uma pessoa surda era apavorante, o

ambiente era movimentado, as pessoas pareciam diferentes, até que chegou a medicação. Sim, medicação, pois além do TEA nível 1 e o TAG, tenho uma seqüela da falta de oxigenação.

O artista é uma pessoa que muitos descrevem como sendo livre. E para isso, esse indivíduo está sempre com foco na sua intuição, ele consegue ver o que outras pessoas não veem, mostrando isso em seguida por meio de cores, sons, texturas em objetos, entre outras muitas emoções. Sentir o mundo numa sensibilidade sensorial que pode ser extrema e que se torna arte, artista e arteira.

Este ano, agora de 2024, até consigo fazer discurso em Libras, me expressar em Libras, pois adotei a língua do surdo. Consigo subir ao palco de um teatro para fazer um relato de prática. Pois vários dias antes faço mentalmente um script, penso várias vezes o que irei falar, pois o script é um sintoma comumente visto do autismo, que pode ser intencional ou não. Além de colocar uma história aparentemente infantil, mas que tenha a ver com o tema para me dar um início ao assunto. Se isso não acontecer, fatalmente sairei do ar, ficarei com o microfone na mão sem reação. Mas isso não aconteceu novamente.

Assim, eu subo para falar em público sobre a prática junto com a teoria. Mas se eu estiver na secretaria e alguém que não conheço pedir uma informação, não vou conseguir dar uma resposta adequada, pois a comunicação inesperada me trava.

Agora, depois de 18 anos de carreira na educação, eu consigo escrever o que sinto. E na parte pessoal, consigo montar o Lego, dirigir carro com alguém do lado, brincar de carro bate-bate, pular corda, me comunicar, mas com brevidade, ter amizades, faz sentido fazer aniversário por ter amigos.

Assim, vamos para um texto que escrevi sobre dois mundos.

Portanto, é possível dizer que há dois mundos, dois mundos que crescem, dois mundos distintos linguisticamente e culturalmente. Mundos com identidades diferentes, mas, quais são estes mundos?

Um destes mundos gosta de conversar de perto, gosta de música. O outro também gosta de conversar, e como! No entanto, esta conversa pode acontecer mesmo quando um está longe do outro, sem gritos ou vozes altas, pois esse outro universo possui um campo de visão, você pode ver vozes. Quando entro neste mundo onde posso ver vozes, estou deixando um mundo, aparentemente, e

entrando em outro. Para acessar este outro lugar, é preciso atravessar uma ponte: e eu vou lá, atravesso, buscando fazer parte daquilo tudo, quebrando assim minha barreira de comunicação.

Sim, a barreira é minha, pois sendo ouvinte tenho uma dificuldade, uma barreira, causada por um transtorno de aprendizagem, que deixa minha escrita e fala diferentes das demais pessoas.

Por essa razão, me coloquei a procurar como romper o trauma e descobri, ou seja, encontrei uma forma de comunicação que me faz refletir sobre o que é comunicação. Ela me traz alegria quando estou dialogando.

Enfatizando que não são só os surdos que precisam saber o português na forma oral ou escrita, mas os ouvintes precisam aprender Libras para saberem se comunicar com um surdo. A Libras também estimulará no cérebro do ouvinte áreas não estimuladas pela língua oral. Ao trabalhar no polo do município de São Paulo, pude perceber que as crianças ouvintes começaram a se interessar em aprender Libras para conversar com os colegas surdos, pois estão na mesma escola.

Os surdos ficam em uma sala com outros surdos onde adquirem a Libras, mas participam dos eventos da escola com as crianças ouvintes das outras salas, e nesses eventos há intérpretes. Assim, os ouvintes aprendem com os surdos e os surdos aprendem com os ouvintes, e na convivência respeitam uns aos outros.

Dessa forma, as estruturas educacionais formarão cidadãos surdos com igualdade de condições sociais e intelectuais para participarem ativamente da sociedade brasileira de forma digna, respeitando as questões biculturais e a identidade surda, e, por consequência, as comunidades surdas.

Os surdos e a comunidade surda leem o mundo através das mãos e dos olhos. No entanto, muitas vezes, a participação efetiva deles na sociedade é anulada por falta de recursos visuais e de vídeos com janelas de Libras. É importante termos em mente que, para eles, ver é igual a ouvir. No caso das crianças surdas, o contato com interlocutores surdos é essencial. Esse contato auxilia de forma relevante no acesso à sua L1, além de assegurar sua identidade e cultura surda. Os ouvintes que iniciam seus estudos na área da surdez precisam estar atentos a esse artefato cultural, pois durante a comunicação, se o ouvinte não mantiver contato visual com o surdo, isso é

considerado falta de respeito/educação. O contato visual é muito importante.

O artista é uma pessoa que muitos descrevem como sendo livre. Para isso, esse indivíduo está sempre focado na sua intuição, conseguindo ver o que outras pessoas não veem, mostrando isso em seguida por meio de cores, sons, texturas em objetos, entre outras muitas emoções. Sentir o mundo numa sensibilidade sensorial que pode ser extrema e que se torna arte, artista e arteira.

Neste processo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma forma de comunicação utilizada por pessoas surdas no Brasil. É uma língua visual-espacial, que utiliza gestos, expressões faciais e corporais para se comunicar. A música, por sua vez, é uma forma de arte que pode transmitir emoções e sentimentos. Ela pode ser uma fonte de conforto e paz em meio a tempos difíceis, como uma guerra. O processamento cerebral é um fenômeno complexo e fascinante. Embora não seja visível, ele desempenha um papel fundamental em nossas vidas. O cérebro é responsável por várias funções cognitivas, como o pensamento, a memória e a percepção. É interessante pensar na interação entre a Libras, a música e o processamento cerebral. Embora a Libras seja uma língua visual e a música seja uma forma de expressão auditiva, ambas podem ser apreciadas e compreendidas por meio

do processamento cerebral. Essa capacidade de sentir e interpretar diferentes formas de comunicação é realmente notável.

Por fim, a Libras é o meu hiperfoco que me faz esquecer de ouvir e ouvir apenas as não, pois faço igual aos surdos: vejo vozes, sonho e acordo sinalizando. Isso, para mim, é um dom, pois não se explica isso na cultura do ouvinte.

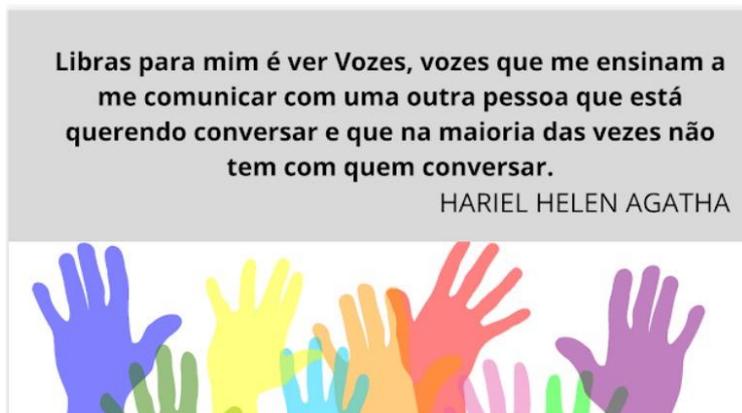
Figura 1



**O SURDO FALA , AS MÃOS TEM SONS...
SÓ ENTENDE QUEM TEM LINGUA DE
SINAIS .
LIBRAS, LINGUA QUE TODOS DEVERIAM
APRENDER DESDE PEQUENOS.**



Figura 2



Considero que este livro não possui capítulos tradicionais, mas sim histórias e crônicas sobre as diversas aprendizagens de uma professora aprendiz, que aprende mais do que ensina. Através da humanização da figura da professora autista, mostro que o aprendizado é uma via de mão dupla. Ao ensinar, também me transformo e cresço com cada experiência, compartilhando minhas vivências e aprendizados.

Ser professora é não ter intenção

O papel do professor como facilitador, ou seja, alguém que auxilia a criança em seu processo de aprendizado, requer a criação de um ambiente acolhedor e propício ao protagonismo infantil, levando em consideração suas individualidades e fornecendo um espaço seguro tanto física quanto emocionalmente.

Durante o período de adaptação, as crianças pequenas chegam à escola, onde os pais as colocam no chão. Neste momento, a criança se depara com uma porta que se abre, revelando um adulto acolhedor pronto para recebê-la. Ela observa outras crianças ao redor: algumas chorando, outras em silêncio e algumas brincando.

Com o passar dos dias, a criança percebe mudanças sutis no ambiente: a porta exhibe desenhos sorridentes, fotos suas e de outras crianças, convidando-a a se tornar a protagonista da ação, imersa em um mundo repleto de atividades, desejos, intenções, movimento, arte e,

principalmente, diversidade cultural e humana. Essa fase de acolhimento se estende ao longo de todo o ano letivo.

Dessa forma, o educador deve compreender que a criança, dos 6 meses aos 3 anos de idade, encontra-se em uma fase de dependência relativa, na qual ela é consciente e precisa aprender a lidar com a separação temporária da mãe. Assim, Winnicott antecipava que a criança de 6 meses seria gradualmente separada da mãe pela escola.

Para um aprofundamento pedagógico vinculado também a aspectos psicológicos, é importante ver a criança também pelo aspecto afetivo e não apenas pelo cognitivo. Portanto, a psicopedagogia pode contribuir muito na formação do professor.

Nesta linha, percebemos que a neurociência nos dá suporte, pois nos orienta sobre o desenvolvimento da criança e da aprendizagem, prevenindo dificuldades de aprendizagem dos alunos. O professor pode ter interesse em se aprofundar nesse conhecimento.

É necessário entender a neurociência como forma de subsídio para a aprendizagem e apoio ao professor, na medida em que a prática, às vezes descolada da teoria, se torna teórica na discussão, pois a prática é baseada em fundamentos teóricos.

Para finalizar, a professora da educação infantil não tem intenções próprias, mas provocações. As intenções vêm das crianças e, através da escuta ativa, provocamos a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), gerando interesses e ações em que a criança/bebê é protagonista. Um provocador da ação.

A provocação da ação tem como base a aprendizagem ativa, que tem como premissa o protagonismo da criança pequena e do bebê, considerando a visão da neurociência pela plasticidade cerebral e também o desenvolvimento descrito por Piaget e a ZDP explanada por Vygotsky, buscando as potencialidades do aprender.

E nesta provocação, assumir uma atitude curiosa e séria diante de um problema, no qual se deve procurar uma solução que melhore aquela situação. Sendo assim, o educador tem um papel fundamental de coordenar o processo de desenvolvimento do seu grupo. É preciso organizar todas as suas ações em torno da educação do seu grupo, promovendo o crescimento de todos em relação à compreensão do mundo e à participação na sociedade.

Para isso, é necessário ter clareza sobre quais são as intenções educativas que orientam cada atividade

proposta. É preciso saber quais atitudes, habilidades e conceitos são necessários para que as crianças/bebês se desenvolvam plenamente.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima, e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e prosperidade. Estes são os objetivos para os quais as Nações Unidas estão contribuindo, a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil.

4.2 Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que estejam prontos para o ensino primário.

4.a Construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, proporcionando ambientes de aprendizagem seguros, não violentos, inclusivos e eficazes para todos.

As crianças têm um perfil em comum

Construir um “Perfil da Turma” é, de fato, uma estratégia pedagógica valiosa. Ele permite que o educador personalize o ensino para atender às necessidades individuais e coletivas das crianças. Aqui estão algumas etapas que podem ser seguidas para criar um perfil de turma:

1. **Coletar informações sobre cada aluno:** Inclua interesses, habilidades, histórico familiar e cultural, estilos de aprendizagem e necessidades educacionais.
2. **Desenvolver planos de aula diferenciados:** Use os dados para criar atividades que desafiem e apoiem todas as crianças de acordo com suas capacidades.
3. **Definir intenções pedagógicas:** Estabeleça estratégias específicas para crianças que precisam de suporte adicional ou enriquecimento, baseando-se em suas características únicas.

4. **Manter comunicação aberta:** Promova a colaboração entre crianças e seus responsáveis, construindo uma comunidade de aprendizagem colaborativa e participativa.
5. **Promover o crescimento coletivo e a inclusão:** Acolhimento e adaptação são fundamentais no desenvolvimento infantil.

O ato de acalantar, oferecendo consolo e conforto, é uma parte essencial desse processo. Proporcionar às crianças pequenas a oportunidade de vivenciar experiências diversificadas (por meio de jogos, brincadeiras, arte, culinária, filmes, livros, músicas, danças, entre outros) valoriza e expande o conhecimento sobre outros povos e culturas.

Segundo Paulo Freire, a escola é o lugar onde fazemos boas perguntas, que provocam as crianças a pensar e refletir sobre seus gostos e preferências: “O que vocês gostaram de fazer hoje?”, “E gostaram por quê?”, “Do que vocês não gostaram?”, “E por quê?”, “O que vocês mais gostam de fazer aqui?”. Perguntar permite também a reflexão sobre o que está sendo proposto, pois, quando fazemos boas perguntas, criamos condições para as crianças projetarem o futuro da ação: “Vamos brincar lá fora?”, “Do que vocês gostariam de brincar?”, “O que podemos levar para brincar?”, “Como vamos levar tudo

isso?”. Ainda: “Vamos ler um livro lá fora?”, “Onde podemos nos sentar para ler?”, “Precisamos levar alguma coisa para nossa atividade?”. Ainda de acordo com Paulo Freire, não podemos, na relação com as crianças, ficar respondendo perguntas que ninguém fez. Por isso, em lugar de decidir, planejar e organizar sozinha, a(o) professora(or) pode convidar sempre as crianças para participarem do planejamento de uma atividade ou de um dia inteiro — e, inclusive, avaliar o que fazem juntos.

Neste outro relato do diário de bordo, veremos a questão dos talentos. Na primeira reunião, havia uma citação: “Para educar uma criança, é preciso uma aldeia inteira.” Esse sábio provérbio africano nos mostra o quanto é trabalhoso, importante e promissor educar uma criança.

Aqui no redondo (prédio de educação CEU da prefeitura de São Paulo), quando chego, as portas estão encostadas, as crianças dormindo. Com o passar das horas, as portas vão se abrindo, uma professora ajudando a outra, uma interação dos talentos, pois cada professora tem o seu. Então, estou mudando este ditado para: **PRECISA DE UM REDONDO INTEIRO PARA EDUCAR AS CRIANÇAS.**

Aqui não há barreiras arquitetônicas ou atitudinais, não existe capacitismo.

Por que espiral?

Figura 3



A espiral é um símbolo poderoso de evolução, movimento, construção e crescimento contínuo. Em um processo construtivista e metodologia ativa, a espiral representa a progressão e o desenvolvimento constante.

Em um ambiente de aprendizagem ativo, as crianças são encorajadas a construir seu próprio conhecimento através de experiências práticas e interativas. Os espaços de aprendizagem devem ser flexíveis e adaptáveis para promover a exploração e a criatividade, permitindo que as crianças se movam livremente e se envolvam em atividades que despertem sua curiosidade e desejo de aprender.

O acolhimento é uma peça fundamental no ambiente educacional. É essencial lembrar que cada estudante traz consigo sua singularidade, suas experiências e desafios. Portanto, ao planejar o cotidiano, devemos levar em consideração essa diversidade para garantir que todos os crianças se sintam incluídos e valorizados.

Além disso, a equipe gestora desempenha um papel crucial ao oferecer suporte e orientação aos professores, auxiliando na criação de ações que atendam às necessidades de todas as crianças e bebês, sem exceção. A colaboração entre todos os envolvidos no processo educacional é fundamental para promover um ambiente acolhedor, inclusivo e enriquecedor para o desenvolvimento de cada aluno. Podemos, portanto, construir uma comunidade escolar onde todos se sintam respeitados, apoiados e motivados a alcançar todo o seu potencial.

Valorize a diversidade e a diferença no contexto de equidade e direitos humanos

De acordo com as matrizes de conhecimento do Currículo da Cidade sobre a abertura à diversidade, dois pontos orientaram nossas ações e planejamentos:

- **Saber:** Estar aberto ao novo, respeitar e valorizar as diferenças, e acolher a diversidade.
- **Para:** Agir com flexibilidade e sem preconceitos de qualquer natureza, conviver harmoniosamente com as diferenças, apreciar, desfrutar e produzir uma variedade de bens culturais, valorizar identidades e culturas, promover a igualdade de gênero, etnia e cultura, brincar e interagir com a diversidade.
- **Conhecer a diversidade cultural:** Respeitar as diferenças entre as pessoas; utilizar materiais, objetos e brinquedos acessíveis para expressar a diversidade humana e cultural, a autoria e o protagonismo.

A natureza e sua diversidade

A magia dos passeios pela natureza e de trazê-la para dentro de casa é simplesmente contagiante! Brincando assim, as crianças mergulham em um mundo de materiais e texturas diferentes, soltando a imaginação de forma totalmente livre e espontânea. Transformar a sala em uma galeria de arte é uma maneira maravilhosa de misturar natureza e criatividade, estimulando a interação social dos pequenos. Para potencializar ainda mais essa experiência significativa, só falta soltar a criatividade com ideias incríveis!

Integração Sensorial

Incorporar atividades que estimulem os sentidos, como a audição de sons naturais durante a manipulação de materiais.

Arte Colaborativa

Fomentar a colaboração por meio da criação de um mural coletivo, no qual cada criança contribui individualmente, promovendo o trabalho em equipe. Construir uma árvore coletiva utilizando galhos também é uma ótima ideia.

Exploração da Natureza

Planejar excursões ao ar livre para coletar materiais, enriquecendo a percepção de texturas e formas.

Figura 4



Tais experiências não apenas fomentam o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, mas

também se fundamentam em descobertas da neurociência.

A forma estética de exposição e o conceito de metodologia de dar tempo, utilizando materiais diversos, de preferência naturais e do cotidiano, exploram o processo e não apenas o produto final.

Exemplo

Maria foi a última a fazer a exploração com a tela. Fomos para a brinquedoteca e filmei o processo, narrando para depois lembrar. Coloquei a tela e os potes de urucum e cúrcuma, um de cada lado. Maria começou pelo amarelo e, logo em seguida, foi para o vermelho. No entanto, ela não usou a tinta vermelha sobre o amarelo inicialmente, mas sim na parte branca da tela. Em seguida, começou a misturar as tintas, às vezes com pinceladas e às vezes pressionando o pincel sobre a tela.

Os potes estavam um de cada lado, mas percebi que ela usava mais o amarelo. Como a mão com que ela segurava o pincel era a direita e o pote amarelo também estava à direita, mudei a posição dos potes.

Figura 5



Figura 6



Uma obra de arte feita por pequenos artistas em 2023! Com urucum e borra de café, as crianças deram vida a um pano branco, misturando tudo com água e cola.

Cada uma criou sua própria obra com urucum, experimentando texturas e pinceladas.

O cenário? Um parque debaixo das árvores e azulejos coloridos. Guardei esse pano como uma lembrança especial.

Os quadros? Exibidos numa reunião com as famílias, transformando o momento em uma verdadeira exposição de arte, eternizada em fotos!

A combinação de urucum e borra de café para dar vida a um pano branco é realmente inspiradora. Imagino a alegria e a criatividade que fluíram durante esse processo. As texturas e pinceladas criadas por cada criança devem ter resultado em obras únicas e cheias de personalidade. É incrível como a arte pode nos conectar com a natureza e os materiais simples ao nosso redor.

Essas obras de arte se tornaram pequenos tesouros, carregados de significado para cada artista mirim. Que bela maneira de explorar a expressão criativa e a imaginação!

Até a professora se transformou em uma artista, dando vida à tela com urucum, folhas, galhos, anis-estrelado e folhas de oliveira. As folhas de uma árvore começaram a cair, algumas delas em tons variados de

amarelo e verde. Em casa, elas se transformaram em uma borboleta que, ao longo do tempo, mudou de cor, tornando-se bela. A parte central foi feita com folha de oliveira e as asas com folhas.

Os tons vibrantes das folhas que um dia caíram agora voavam livremente, simbolizando a vida em constante transformação. É um lembrete de que, mesmo diante das mudanças, podemos nos reinventar e florescer em novas cores.

Brincar e criar com elementos da natureza

Uma obra de arte feita por pequenos artistas em 2023! Com urucum e borra de café, as crianças deram vida a um pano branco, misturando tudo com água e cola. Cada um criou sua própria obra com urucum, experimentando texturas e pinceladas

. O cenário? Um parque debaixo das árvores e azulejos coloridos. Guardei esse pano como uma lembrança especial.

Os quadros? Exibidos numa reunião com as famílias, transformando o momento em uma verdadeira exposição de arte, eternizada em fotos!

A combinação de urucum e borra de café para dar vida a um pano branco é realmente inspiradora. Imagino a alegria e a criatividade que fluíram durante esse processo.

As texturas e pinceladas criadas por cada criança devem ter resultado em obras únicas e cheias de personalidade. É incrível como a arte pode nos conectar com a natureza e os materiais simples ao nosso redor.

Essas obras de arte se tornaram pequenos tesouros, carregados de significado para cada artista mirim. Que bela maneira de explorar a expressão criativa e a imaginação!

A figura 7 é a mesma imagem que aparece na capa deste livro, esta pintura feita pelas crianças consiste em um memorial da arte, feita num processo de significado. E pra mim como professora um marco na vida portanto esta pintura se tornou um banner na janela do meu quarto.

Figuras 7, 8, 9 e 10





As folhas de uma árvore começaram a cair, algumas delas em tons variados de amarelo e verde. Em casa, elas se transformaram em uma borboleta que, ao

longo do tempo, mudou de cor, tornando-se bela. A parte central foi feita com folha de oliveira e as asas com outras folhas.

Os tons vibrantes das folhas que um dia caíram agora voavam livremente, simbolizando a vida em constante transformação. É um lembrete de que, mesmo diante das mudanças, podemos nos reinventar e florescer em novas cores (Figuras 8, 9, 10).

Acompanhar o crescimento de uma planta, como a batata-doce, pode ser uma experiência educativa e fascinante. A observação contínua permite entender melhor os processos de crescimento vegetal e desenvolvimento.

Figura 11



Até que esta as folhas da batata doce se encontra com o galho de árvore que foi colocado suspenso com fios de náilon para servir como mobile.

Figura 12,13





Incorporar elementos da natureza e plantas na sala de aula pode realmente trazer muitos benefícios! Aqui estão alguns pontos a considerar:

- **Purificação do ar:** Plantas ajudam a remover toxinas do ar e aumentam os níveis de oxigênio, melhorando a qualidade do ar.
- **Redução do estresse:** A presença de plantas cria um ambiente mais relaxante, ajudando a reduzir os níveis de estresse tanto para crianças quanto para professores.
- **Ambiente agradável:** Elementos naturais tornam o ambiente de aprendizado mais agradável e esteticamente estimulante.
- **Conexão com a natureza:** Ter plantas na sala de aula pode ajudar as crianças a se conectarem mais com a natureza, promovendo uma maior consciência ambiental.

- **Estimulação sensorial:** As plantas podem proporcionar uma variedade de estímulos sensoriais, como diferentes texturas, cores e até aromas.
- **Foco e concentração:** Estudos mostram que a presença de plantas pode melhorar a concentração e o foco nas crianças.

Considerar a inclusão de elementos naturais e plantas na sala de aula pode realmente trazer muitos benefícios! Plantas ajudam a purificar o ar, removendo toxinas e aumentando os níveis de oxigênio. Além disso, criam um ambiente mais relaxante e reduzem os níveis de estresse. Elementos naturais podem tornar o ambiente de aprendizado mais agradável e estimulante.

Uma língua de modalidade gestual-visual

A língua de sinais é a língua materna do surdo, assim como a língua oficial de seus pais, quando ouvintes, é a língua portuguesa. Portanto, a criança surda pode ter a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua. Desta forma, o surdo se torna bilíngue. No bilinguismo, o objetivo principal é que o ensino da criança surda seja equivalente ao da criança ouvinte, com a Libras como L1 adquirida por interação, servindo como base para a aprendizagem da língua portuguesa como L2, que é aprendida de forma sistemática.

Portanto, é a língua de sinais que dará ao surdo a condição de organizar seu pensamento, seu jeito de agir e suas particularidades. A Libras é uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza movimentos gestuais e expressões faciais percebidos pela visão. Diferentemente da língua portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva, utilizando sons articulados percebidos pela audição.

O neurologista americano Oliver Sacks escreveu sobre isso em seu livro “Vendo Vozes” (2010), descrevendo uma ilha nos Estados Unidos, a ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, onde a maioria dos habitantes é surda. Ele diz que, ao chegar lá, você é o diferente, porque é o ouvinte, não sinalizador, e todos nessa ilha, tanto surdos como ouvintes, se comunicam por sinais.

A vivência de Sacks nos mostra que, em um contexto linguístico favorável, o desenvolvimento das pessoas surdas é igual ao de qualquer ouvinte. É isso que precisamos fazer com que os pais de crianças surdas entendam: o quanto é importante que aprendam a língua de sinais, como se fossem surdos, para transmiti-la ao filho. A aquisição da Libras possibilita à criança surda maior rapidez e naturalidade na exposição de seus sentimentos, desejos e necessidades, desde a mais tenra idade, podemos verificar a importância do contato com a língua de sinais desde bebê.

Portanto, Sacks (2010) nos diz que as crianças surdas filhas de pais surdos são um referencial importante para percebermos que, sendo elas expostas desde o nascimento diretamente à língua de sinais, têm como língua nativa a de seus pais. Isso significa que, desde pequenas, são expostas ao input de uma língua natural.

Deste modo, temos vários períodos de desenvolvimento da linguagem, sendo eles:

- **Período pré-linguístico:** Balbucios – aproximadamente de 0 a 12 meses. Nesta fase, as crianças surdas, assim como as ouvintes, apresentam balbucio manual (brincadeiras com as mãos) como a produção manual dominante do período.

Segundo as pesquisas de Petitto e Marantette (1991), apud Pereira (2012), que estudaram crianças surdas e ouvintes do nascimento até por volta dos 14 meses de idade, verificaram que tanto as crianças surdas como as ouvintes apresentavam balbucio oral e manual até um determinado estágio e depois desenvolvem o balbucio de uma das modalidades. As vocalizações são interrompidas nas crianças surdas, assim como as produções manuais são interrompidas nas crianças ouvintes.

De acordo com Quadros (2008), esses sons, que os linguistas denominam “balbucio”, apresentam uma organização progressiva. Inicia-se com vogais anteriores e consoantes guturais e, somente por volta dos seis meses, o padrão silábico do balbucio passa a ter uma organização CV – consoante-vogal – e a criança passa a usar sílabas duplicadas e a articular consoantes anteriores /p, /m, /b/.

Independentemente do ambiente e das línguas com que os bebês estejam em contato, todas as crianças produzem o balbucio, ou seja, ele é um comportamento interno.

Quando a criança surda tem contato com a língua de sinais desde a Educação Infantil ou ainda bebê, espera-se que ela já se comunique por meio de sinais, expressões faciais e corporais. Nesta fase, ela já será capaz de participar de brincadeiras e atividades da rotina do CEI, junto com os companheiros ouvintes, sem prejuízo de aprendizagem e interação.

Assim, fica garantida a aquisição da linguagem e a aquisição de valores, culturas e padrões sociais que perpassam o uso da língua. É importante essa interação com grupos que usam tal língua para constituir sua linguagem e sua identidade emocional e social. Para exemplificar, esta aquisição da língua de sinais e as consequências de seu atraso, Sacks (2010) demonstra em sua obra alguns exemplos de histórias de crianças que tiveram acesso à língua de sinais após o período pré-linguístico, além de explicar como se deu a comunicação e a estrutura linguística e cognitiva.

Podemos verificar pelo exemplo acima que, quando a criança surda filha de pais ouvintes não tem contato com

a língua de sinais desde o seu nascimento, a aquisição de uma língua fica impossibilitada, podendo gerar graves consequências no decorrer de sua vida. No entanto, quando é feita uma intervenção logo nos primeiros anos de vida, essa situação pode ser mitigada.

Segundo as Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental: Libras (2008), a criança surda se apoia primeiro na visão para reconhecer as pessoas e aos locais. Para isso, é importante que a criança surda aprenda a prestar atenção ao rosto do professor e das pessoas que convivem com ela, mantendo sempre a comunicação visual, pois é por meio dela que a criança irá compreender e usar as expressões faciais e corporais, além disso, por meio do acompanhamento com o olhar a criança aprende a distinguir a localização de objetos ou das pessoas.

E, no mesmo documento, temos escrito que o professor precisa conhecer as necessidades das crianças nos planos afetivo, cognitivo e motor, além de promover o seu desenvolvimento em todos os níveis. Com o objetivo de desenvolver a pessoa, e não apenas o desenvolvimento cognitivo. O professor na Educação Infantil tem um papel de extrema importância, pois deverá responder as necessidades específicas das crianças

ouvintes e surdas e atuar como mediador no processo de aprendizagem de ambas.

Ele deve ver a criança surda como alguém que é diferente por não poder ouvir, mas não menos capaz se comparada com as crianças ouvintes. Ao observar dessa forma, seremos capazes de olhar para a criança surda e vê-la de forma ativa, com um modo próprio de significar o mundo por meio da língua de sinais.

O professor terá um papel de suma importância na vida dessas crianças surdas na Educação Infantil. Ele deverá interagir com elas a todo momento, não apenas acolhendo com carinho, mas também conversando durante o banho, a alimentação, as brincadeiras de roda e todas as outras atividades pertinentes à sua idade. Sempre levando em consideração todas as possibilidades de comunicação por meio de sinais, expressões faciais e corporais. Ele será responsável por responder e fazer perguntas que possam esclarecer dúvidas e ensinar regras sociais do grupo.

O uso da língua de sinais deve ser constante, mesmo que as crianças ainda não tenham domínio da língua, pois estão iniciando sua aquisição. Dentro do ambiente da sala de aula, tanto os alunos ouvintes quanto os alunos surdos terão o mesmo direcionamento nas atividades. No

entanto, os alunos surdos terão contato com a Libras como primeira língua, enquanto os alunos ouvintes aprenderão a Libras como segunda língua. As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for aprendida - e ela pode ser fluente aos três anos de idade - tudo então pode decorrer: livre intercurso de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala.

O papel do professor é de mediador, partindo do pressuposto que todo aprendizado é necessariamente mediado. Por isso, o professor deve ser ativo, pois o primeiro contato da criança com as atividades, habilidades ou informações deve ter a participação do adulto. Acima de tudo, o professor precisa acreditar que elas podem aprender e que sua vivência na Educação Infantil lhes será benéfica. Portanto, é preciso preparar cuidadosamente as atividades que propõe.

As crianças surdas têm um grande potencial, principalmente nas atividades visuais. É importante organizar atividades diversificadas em sequências que possibilitem a retomada de passos já dados, estabelecer rotinas diárias e regras claras para melhor orientar as crianças, estimular sua participação em atividades que

envolvam diferentes linguagens e habilidades, como linguagem corporal, trabalhos manuais, desenho, entre outros. Além disso, promover variadas formas de contato com o meio externo e dar-lhes oportunidade de ter condições instrucionais diversificadas: trabalho em grupo, aprendizado cooperativo, uso de tecnologias, diferentes metodologias e estilos de aprendizagem.

O uso de recursos visuais, como apoio às produções escritas, pode ajudar as crianças surdas, principalmente no início da aprendizagem da Língua Portuguesa escrita. É essencial garantir o tempo que as crianças surdas necessitam para realizar cada atividade, recorrendo a metodologias de ensino flexíveis e individualizadas (SME/DOT, 2008, p.46).

Segundo as Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental: Libras (2008), o ensino deve se antecipar ao que o aluno não sabe nem é capaz de aprender, porque, na relação entre aprendizagem e desenvolvimento, a aprendizagem vem antes do desenvolvimento.

Isso se refere à zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre o desenvolvimento real de uma criança e aquilo que ela tem a aprender, ou seja, o

potencial demonstrado pela sua capacidade de desenvolver uma competência com a ajuda do adulto, do professor, como mediador. O professor deve identificar essas duas capacidades e trabalhar o percurso de cada criança entre essas duas dimensões, ou seja, as habilidades que os alunos já têm e aquelas que eles poderão adquirir.

Portanto as Orientações Curriculares dão alguns exemplos, como:

“Ainda na Educação Infantil, a criança surda pode, com o apoio dos adultos, assumir papéis, ao reproduzir situações cotidianas no faz de conta mediado por objetos e indumentárias, ou imitar as ações de um personagem de uma história lida (imitar o lobo da história, caminhar como os sete anões). Ela pode aprender a construir, com o auxílio do professor, brinquedos com sucatas, a partir de modelos, casas ou castelos com areia, com tocos de madeira e com outros materiais. O professor deve lembrar que todos os contos e histórias infantis devem ser contados na Língua Brasileira de Sinais, para a criança surda.

O professor deve apresentar filmes na Língua Brasileira de Sinais, ou com tradução, se forem de curta duração. A dramatização é um recurso muito rico para as crianças surdas, pois possibilita a compreensão de história, de uma situação ou de uma explicação, assim como o uso da expressão corporal e facial, na representação dos

personagens, bem como na expressão de sentimentos.
“(SME/DOT, 2008, p.57-58)

Mas o professor também terá que ensinar as crianças ouvintes a Libras, juntamente com o intérprete, pois terá na sala crianças surdas e ouvintes. Sendo assim, o professor precisará da ajuda do instrutor de Libras (instrutor educacional) ou intérprete, que possa falar em Libras enquanto ele fala com as crianças ouvintes, pois não poderá falar nas duas línguas simultaneamente. De acordo com a legislação municipal no comunicado nº567, de 30/03/2012, o intérprete terá a função de ministrar oficinas de ensino de Libras como primeira língua para os surdos e ministrar oficinas de ensino de Libras como segunda língua para professores, alunos, familiares e a comunidade escolar ouvinte.

Nas Orientações Curriculares:

Numa educação bilíngue, “[...] a Língua Portuguesa é considerada a segunda língua dos alunos surdos, o que significa que seu aprendizado vai se basear nas habilidades linguísticas adquiridas na Língua Brasileira de Sinais.” (SME/DOT, 2008, p.22).

Sendo assim, precisamos também oferecer um currículo que contemple as diferenças que a surdez necessita, para que os alunos surdos possam se identificar com a cultura de sua comunidade e não somente com a cultura dos ouvintes.

Na concepção teórica conhecida como Bilinguismo, defendida por Pickersgill e Slomsky, a escola bilíngue para surdos é uma abordagem educacional que tem por base a língua de instrução da criança surda ser a Língua de Sinais, enquanto a língua da comunidade ouvinte deve ser usada como segunda língua. Ambas devem ser consideradas e desenvolver competências nas duas línguas.

No Currículo da Cidade de São Paulo (2019), na documentação pedagógica do currículo bilíngue, está escrito:

“A comunicação deve ser garantida na Língua de Sinais em todos os ambientes e situações em que os bebês e crianças surdas estão em interação com seus pares, com os educadores ou com outros adultos surdos ou ouvintes. O estímulo contínuo na Libras, aliado ao domínio do conhecimento sobre os direitos das pessoas surdas por parte do educador, poderá proporcionar um ambiente favorável à aquisição e desenvolvimento da língua e à integração social.”

Este currículo propõe, com base em estudos como os de Harris (1995), Masataka (2003), Holzrichter e Meier (2000), Karnopp e Quadros (2001), Lichtig et al. (2003), Barbosa (2007), Morgan (2007), entre outros, que dentro das proposições apresentadas para a Educação Infantil, as habilidades linguísticas necessárias para que bebês e crianças surdas possam se comunicar em Língua de Sinais sejam cuidadosamente observadas e estimuladas no ambiente educacional.

O processo educacional na Educação Infantil deve estar focado no desenvolvimento de habilidades sensoriais, motoras e linguísticas que possam ser

estruturadas adequadamente para a aquisição da Língua de Sinais.

Para este currículo, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil e os objetos de conhecimento foram organizados em um único eixo denominado Bases Precursoras para a Aquisição da Língua de Sinais (CURRÍCULO DA CIDADE SP- Libras- 2019- p104).

A atuação da cidade de São Paulo, entre os anos de 1988 e 1999, foram criadas mais cinco escolas para atender à demanda do município, naquela época denominadas EMEE – Escola Municipal de Educação Especial: EMEE Anne Sullivan, na zona sul; EMEE Neusa Basseto, na zona leste; EMEE Madre Lucie Bray e EMEE Professor Mário Pereira Bicudo, na zona norte e EMEE Vera Lúcia Aparecida Ribeiro, na zona oeste. Essas EMEEs passaram por um período de mudanças na abordagem linguística adotada pelo sistema educacional que preconizava, inicialmente, a oralização dos estudantes surdos e, posteriormente, passaram a fazer uso da modalidade viso espacial para a comunicação e educação da pessoa Surda, dando ênfase à Libras

Após a incorporação das contribuições pela equipe técnica do NTC/DIEE e seus assessores, o Documento teve sua versão finalizada e disponibilizada em formato impresso, digital e em Libras, para ser implementado pelas EMEBS, Unidades Polo Bilíngue para Surdos e Salas de Recursos Multifuncionais que atendem alunos surdos matriculados em Unidades Educacionais da RME. As ações de implementação contaram com orientações didáticas, materiais curriculares e formação continuada. É importante ressaltar que o Documento apresenta imagens dos sinais e links dos Cadernos de Apoio e Aprendizagem – Libras do 1º ao 5º ano, publicados em 2012 e republicados em 2015 pela SME, que ilustram alguns objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

Porém a documentação pedagógica de 2019 nos traz a Base Precursora da Aquisição da Língua de Sinais com três objetos de conhecimento:

Visualidade; a questão do olhar, o olho no olho de quem sinaliza, Organização.

Linguístico-Motora; a questão dos parâmetros em Libras e da gramática da Libras e pôr fim a Compreensão e Interação.

Para tanto, a base primeira será a construção de ambiente comunicativo propício à aquisição da Libras,

assegurando a organização dos tempos e espaços que privilegiam as relações dos bebês e das crianças surdas, com interlocutores bilíngues, para que se constituam e se reconheçam como usuários da Língua de Sinais.

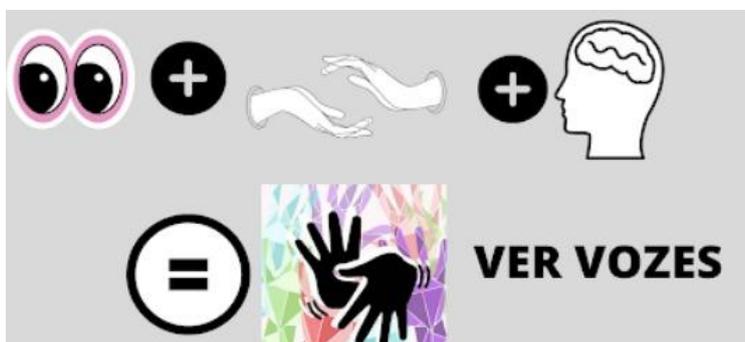
Percebemos, que além de nos conscientizar que precisamos trabalhar com afinco a fim de oferecer uma educação de qualidade para nossas crianças, em uma sala de aula que tenha um aluno surdo, é de grande importância a presença de um professor bilíngue e de um instrutor surdo, que será o modelo que usuário da Libras, possibilitando que às crianças, tanto às ouvintes como às surdas, tenham contato com essa língua (FIGURA 14, 15, 16).

“Vendo vozes: uma aventura ao mundo dos surdos,” de Sacks. Pois relata a fala o pensamento do Surdos numa modalidade visu-espacial aonde as mãos tem função da fala, os olhos a do ouvido, e todo este processo faz parte do pensamento, do processo neural, sendo assim entramos na questão atual da neurociência e da neurolinguística.

Figuras 14, 15 e 16.



Por isso me percebo sendo ouvinte como vendo vozes, mas o que é na prática, ver vozes, é usar as mãos como meio linguístico, ou seja, são os parâmetros linguagem de libras, pois eles vão permitir a transmissão de sentimentos e intensidades, são exatamente as expressões não manuais (movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Deste modo as mãos são os sons (equivalência aos ouvintes) e os olhos são o canal de entrada da informação os ouvidos (equivalência aos ouvintes). Mas quem codifica a informação e compreendemos o que foi informado é o cérebro. Portanto se é o cérebro que codifica os sons, as informações, eu posso como ouvinte ser igual ao surdo e ver vozes.



Encontro de famílias

Normalmente, este encontro se denomina reunião de pais, responsáveis e mestres, mas na educação infantil isso pode parecer muito impessoal. Chamá-lo de encontro traz um tom mais acolhedor e inclusivo, especialmente na educação infantil. Isso pode ajudar a criar um ambiente mais amigável e colaborativo, onde todos se sintam parte de uma comunidade.

Para este momento, existem várias estratégias para promover a comunicação e a interação:

1. **Estabelecer um diálogo entre os pais e educadores:** Trocar experiências sobre o desenvolvimento da criança.
 - o **Público-alvo:** Pais de crianças de 0 a 3 anos.
2. **Vídeos:** Utilizar vídeos simples, como os disponíveis no Windows, para diversas atividades:

Fotos das mãos e do rosto: Tirar fotos das mãos e do rosto das crianças, em sequência, para que os pais descubram de quem é a mão e a criança. No Movie Maker(atualmente o Canva), colocar a sequência com um tempo maior entre a foto da mão e a da criança. Quando a criança surge, a mãe fala sobre ela até o tempo que aparecer outra mão.

Rotina: Mostrar toda a rotina da creche, desde a chegada, o almoço, atividades, trocas, higiene bucal, etc., através de fotos das crianças em ação.

Antes e depois: Mostrar fotos de quando as crianças eram bebês e agora, um pouco maiores, enfatizando quanto aprenderam desde o começo do ano. Tirar fotos de atividades rotineiras e específicas da creche, imprimir e, na reunião, colocar as fotos no chão. Pedir aos pais que peguem uma foto que não seja de seu filho e comentem o que está acontecendo na foto, por que, como e qual foi o objetivo daquela ação.

Por que diversificar um encontro de pais e mestres?

- **Para não focar apenas nos problemas de aprendizagem:** Estimular a presença dos pais.
- **Para demonstrar a importância da participação da família:** Mostrar que a creche não é só cuidar, mas um cuidar integrado ao educar, pois cuidar e educar são indissociáveis.
- **Considerar a importância do professor de educação infantil:** Demonstrar que o desenvolvimento da criança depende das oportunidades de aprendizagem. Que se aprende brincando! E que brincar é uma atividade séria e tem seus objetivos (Figuras 17, 18, 19, 20).

Há alguns anos, adotei a abordagem do ateliê e, em encontros com pais, fazia atividades semelhantes às realizadas com as crianças. Desta vez, foram usadas tintas com base natural, como urucum, cúrcuma e beterraba.

Figuras 17, 18, 19



Assim, cada quadro desenhado contava uma história, uma história da família no seu aspectos sociocultural.

Figura 20



As famílias se sentaram, mas mesmas cadeiras usavam, com os mesmos materiais e também os potes que estavam as tintas são usados no cotidiano que me arrisco a dizer que o cotidiano é extraordinário.

Mapas na educação infantil, mapas do processo

No fim do semestre letivo na educação infantil, é comum fazer o relatório descritivo do percurso da turma. No entanto, para mim, isso não era suficiente, pois não trazia uma linguagem visual do que foi desenvolvido ao longo do semestre.

Minha visão de escola é como uma grande oficina onde todos aprendem e ensinam. Uma escola que une mãos e mentes na formação do pensamento. Uma escola que permite escolhas e tentativas. Uma escola que seja alegre e calma ao mesmo tempo. Que tenha muitas versões, que vista várias hipóteses.

Figura 21



Por ter uma questão de responder ao planejamento de forma visual não apenas pela escrita, surgiram também outras imagens (FIGURA 21).

O modo de ver as coisas de forma visual, foi bastante aguçado quando conheci a língua de sinais Libras. Que me levou ao conhecimento maior de mim mesmo, aonde a inteligência emocional sobrepôs a prática e a teoria.

Figura 22, 23 e 24

A(o) educador(a) deve desenvolver atividades que favoreçam o compartilhamento de refeições e de experiências gustativas, apresentando os alimentos de diferentes formas, favorecendo a identificação de novos sabores e a percepção do gosto, explorando todos os sentidos para que bebês e crianças percebam a temperatura dos alimentos, reconheçam aromas, cores e texturas e os experimentem.

NORMATIVA DE ALIMENTAÇÃO PMSF
INSTRUÇÃO NORMATIVA SME Nº 8, DE 11 ABRIL DE 2019



Época de acolhimento as crianças pequenas chegando ao chegar os pais colocam no chão , a criança vê uma porta , de repente ela se abre , tem uma pessoa adulta me querendo trazer para dentro , vejo outras crianças, umas chorando, outras quietas, outras brincando e aquele ambiente que não conheço, os dias passam e as coisas continuam de repente vejo a porta com um desenho Smiles sorrindo, vejo a minha foto, vejo as fotos de outras crianças, vejo essa porta abrir agora me convidando para ser protagonista da ação, protagonista de um mundo, protagonista cheio de ações, querer, intenções de movimento , arte e principalmente de diversidade cultural e humana.



ADAPTAR + **ACOLHER**
= ACALANTAR
AEE, INCLUSÃO PROF, JANAINA

**POIS ESTA ABORDAGEM DURA 200
DIAS LETIVO , COM COLABORAÇÃO E
PARCERIA DE TODOS.**

Autismo e a Libras uma abordagem possível

O autismo é uma condição neurológica que faz parte da diversidade humana. Pessoas autistas nascem com um cérebro que funciona de maneira diferente, o que pode afetar a comunicação, a interação social e o comportamento. Considero aqui uma questão neurolinguística distinta.

Na abordagem neurolinguística, explora-se o campo interdisciplinar que investiga a relação entre o cérebro e a linguagem. A utilização da Libras (Língua Brasileira de Sinais) pode ser uma abordagem muito eficaz para a comunicação com crianças autistas. A Libras oferece uma forma visual de comunicação que pode ser mais acessível para algumas crianças.

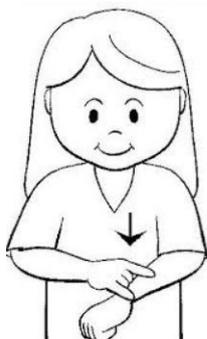
Além disso, a Libras é uma língua de modalidade visuoespacial, e o uso das mãos e seus movimentos pode, inicialmente, atrair a atenção para as mãos. Esta foi a primeira coisa que me encantou, pois as mãos pareciam dançar, e até hoje elas dançam.

A Libras tem uma vantagem em relação ao Português: ela possui sinais icônicos, ou seja, os sinais são

gestos que visualmente representam o que significam. Por exemplo, o sinal para “correr” pode imitar o movimento de correr, andar de bicicleta, dirigir um carro, e o sinal para “banana” faz o movimento de descascar a fruta.

Até mesmo os sinais arbitrários na Libras, que não têm uma relação direta ou óbvia entre a forma do sinal e o seu significado, como por exemplo o sinal para “banheiro”, que não tem ligação com o contexto, são parte integrante dessa rica linguagem.

Figura 25



Outra relação importante entre a Libras e o autismo, no meu contexto, é o hiperfoco. Minha relação com o mundo visual já era grande antes de conhecer a Libras, e depois dela, tenho a sensação de “ver vozes”. Os barulhos do ambiente somem, o ambiente muda, meu zumbido

desaparece, e minha concentração fica extremamente focada na ação de conversar em Libras.

A Libras pode influenciar a percepção sensorial, especialmente para pessoas com autismo. O hiperfoco é uma característica comum no espectro autista e, quando combinado com a comunicação visual da Libras, pode realmente transformar a maneira como você interage com o mundo ao seu redor. A sensação de “ver vozes” e a diminuição dos barulhos do ambiente são exemplos poderosos de como a linguagem visual pode criar uma experiência mais imersiva e menos sobrecarregada sensorialmente, proporcionando um ambiente mais tranquilo e focado, ajudando a reduzir a ansiedade e a melhorar a comunicação.

Para mim, os barulhos do ambiente somem, o ambiente muda, meu zumbido desaparece, e minha concentração fica extremamente focada na ação de conversar em Libras, o que diminui minha ansiedade. No entanto, isso ainda é muito complicado no momento de ter que interpretar o Português. Assim, a Libras, como uma forma de comunicação alternativa, foi fundamental para que eu melhorasse a forma de falar e me comunicar em Português.

Métodos de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) que podem ser úteis:

- **PECS (Picture Exchange Communication System):** Um sistema que utiliza imagens para ajudar na comunicação. As pessoas podem trocar imagens para expressar suas necessidades e desejos.
- **Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA):** Inclui uma variedade de métodos, como dispositivos de comunicação eletrônica, aplicativos de comunicação em tablets e quadros de comunicação com símbolos.
- **Makaton:** Um sistema que combina gestos, símbolos e fala para ajudar na comunicação. É frequentemente usado com crianças e adultos com dificuldades de comunicação.
- **Quadros de Rotina Visual:** Utilizados para ajudar a estruturar o dia e fornecer previsibilidade, o que pode reduzir a ansiedade. Eles mostram atividades diárias em uma sequência visual.

- **Histórias Sociais:** Histórias visuais que explicam situações sociais e comportamentos apropriados. Elas ajudam a preparar as pessoas para eventos e interações sociais.
- **Apps de Comunicação:** Existem muitos aplicativos disponíveis que utilizam símbolos, imagens e texto para facilitar a comunicação. Alguns exemplos incluem Proloquo2Go e TouchChat.

Proloquo2Go: Este aplicativo usa símbolos e fala para ajudar pessoas que não podem se comunicar verbalmente.

LetMeTalk: Um aplicativo gratuito que permite alinhar imagens para formar frases com significado. Possui 9000 imagens e suporta múltiplos idiomas, incluindo português.

Livox: Este aplicativo se destaca pela sua capacidade de adaptação às necessidades individuais do usuário. É amplamente utilizado para ajudar na comunicação de pessoas com autismo.

Expressia: Oferece pranchas de comunicação digitais que podem ser personalizadas. É uma solução prática e intuitiva, desenvolvida no Brasil.

Matraquinha: Desenvolvido para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), este aplicativo facilita a comunicação ao relacionar figuras com vozes e sons.

Minha Opinião

Entre essas opções de comunicação alternativa, considero o Matraquinha um dos mais importantes. Além de ser um recurso midiático, ele não apenas mostra a imagem, mas também fala o contexto da imagem. Por exemplo, ao tocar na imagem de água, ouve-se “Eu quero beber água”. Isso facilita a compreensão e a comunicação para as crianças.

Outro recurso valioso é o **Makaton**: Um sistema que combina gestos, símbolos e fala para ajudar na comunicação. É frequentemente usado com crianças e adultos com dificuldades de comunicação. No nosso contexto, poderia ser usado com alguns sinais como pista visual da palavra, em conjunto com a imagem e o som da palavra. O programa de linguagem Makaton tem sido usado para desenvolver a linguagem em pessoas com deficiências cognitivas, autismo e síndrome de Down.

Embora o Makaton seja uma comunicação baseada no oralismo, ele não é aplicado aos surdos, mas sim às

pessoas com deficiência, especialmente para as pessoas autistas, independentemente da idade. Na Convenção de Milão, em 1880, foi proposto o uso simultâneo de diversos recursos para a comunicação com os surdos, abrangendo multimodalidade, sinalização e uso de sinais para tentar uma correspondência com a língua oral. No entanto, essa proposta foi derrubada, e hoje usamos o bilinguismo, que chegou ao Brasil nos anos 1990. Considerando que a língua de sinais e a língua oral são usadas em momentos distintos, não há tentativa de fazer a língua de sinais corresponder à língua oral. A língua de instrução para as pessoas surdas é a língua de sinais, e a língua oral do país é ensinada na modalidade escrita. A participação do intérprete é muito importante.

Para crianças ouvintes com algum tipo de deficiência, o uso de recursos como o Makaton pode ser muito eficaz para a aquisição da fala. Algumas fonoaudiólogas já utilizam a Libras como pista visual nas terapias.

Se as escolas usassem a Libras para todas as crianças, seguindo os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que visa criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e acessível para todos, independentemente de suas habilidades ou necessidades específicas, seria um grande avanço para a questão das crianças não verbais. O DUA nos orienta a usar modos

múltiplos de apresentação, modos múltiplos de ação e modos de engajamento e envolvimento.

Considerando esses princípios, a utilização da Libras como um meio adicional de apresentação de informações pode beneficiar não apenas crianças surdas, mas também aquelas com dificuldades de processamento auditivo ou outras necessidades específicas. Isso enriquece a experiência de aprendizagem ao oferecer diferentes formas de acesso ao conteúdo.

Além disso, na questão da inclusão, o uso da Libras permite que as crianças tenham mais opções para expressar suas ideias e conhecimentos. Crianças não verbais, por exemplo, podem se beneficiar enormemente ao ter uma forma visual e gestual de comunicação.

Considerando que o Makaton é uma ferramenta poderosa para apoiar a comunicação de pessoas com dificuldades de comunicação. Sua abordagem multimodal permite que ele seja adaptado a uma ampla gama de necessidades, tornando-o uma opção inclusiva e acessível. A combinação de sinais, símbolos e fala pode ser particularmente útil para crianças autistas, pois oferece uma maneira visual e gestual de se comunicar, o que pode ser mais acessível e menos sobrecarregante sensorialmente.

Além disso, o uso do Makaton pode complementar outras formas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), como o PECS e os quadros de rotina visual, proporcionando uma abordagem abrangente para apoiar a comunicação e o desenvolvimento linguístico.

A integração da Libras no ambiente escolar, especialmente em escolas bilíngues, é essencial para promover uma educação verdadeiramente inclusiva. A Libras não só facilita a comunicação entre surdos e ouvintes, mas também enriquece o ambiente de aprendizagem, tornando-o mais diversificado e acolhedor. A implementação do DUA com a inclusão da Libras pode transformar a experiência educacional, garantindo que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. Além disso, a formação contínua dos professores e o envolvimento da comunidade são fundamentais para o sucesso dessa abordagem, promovendo uma cultura de respeito e empatia desde cedo.

Por fim e por começo de tudo, a Libras é uma língua viva que serve para a comunicação efetiva de surdos e ouvintes. O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) é uma abordagem que realmente visa criar ambientes de aprendizagem inclusivos e acessíveis, e a integração da Libras pode ser uma ferramenta poderosa

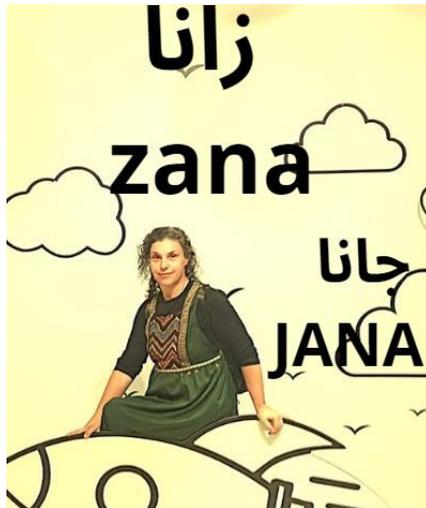
nesse contexto. A Libras pode tornar o ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo, promovendo maior engajamento entre os alunos. A diversidade de métodos de comunicação pode aumentar a participação e o envolvimento de todos os estudantes.

Por estar em uma escola polo bilíngue, esta instituição pode ter um benefício maior usando as duas línguas: Português e Libras. Aprender Libras desde cedo pode promover uma cultura de inclusão e empatia entre os alunos, ajudando-os a entender e respeitar as diferenças. Além disso, Libras é uma língua viva e flexível, que pode ser adaptada para diferentes contextos e necessidades, tornando-se uma ferramenta universal de comunicação.

Finalizando estas informações sobre a questão da Libras, Autismo e DUA, implementar Libras como parte do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) nas escolas pode ser um grande avanço para a educação inclusiva. A formação dos professores, a criação de um ambiente bilíngue, a sensibilização e o engajamento da comunidade vão gerar, a cada dia, mais benefícios, como inclusão e acessibilidade, melhoria no desenvolvimento linguístico e cognitivo de todas as crianças, e um aumento da empatia e compreensão das diferenças entre os alunos.

Livros de histórias infantis uma ferramenta potente na formação contínua dos professora

Figura 26



Uma criança de três anos, que não fala português, nasceu em uma família árabe no Brasil. Seu pai foi buscar sua amada no Líbano, e a criança nasceu em época de pandemia. Seu primeiro contato com o português foi na

escola. Essa criança chora ao entrar na escola, pois não entende a língua falada, o que corta o coração das professoras. No entanto, a música quebrou esse choro no momento em que ela ouviu músicas infantis cantadas em árabe.

Com o passar do tempo, no decorrer do ano letivo, a criança que não conseguia falar “Jana” me deu o nome de “Zana”. Essa situação é bastante desafiadora para a criança. Crescer em um ambiente multilíngue e multicultural pode ser difícil, especialmente quando o primeiro contato com uma nova língua ocorre na escola.

Com origem no persa, Zana é um nome feminino que carrega consigo o belo significado de “mulher”. Esse nome tem uma sonoridade delicada e elegante, sendo uma escolha encantadora para as meninas. Além do significado especial, Zana também possui uma história interessante. Na cultura persa, as mulheres eram valorizadas por sua força, sabedoria e beleza, atributos que se refletem nesse nome. Uma curiosidade fascinante sobre o nome Zana é que ele está relacionado à figura feminina de poder e liderança, mostrando a importância das mulheres em diversas sociedades ao longo da história.

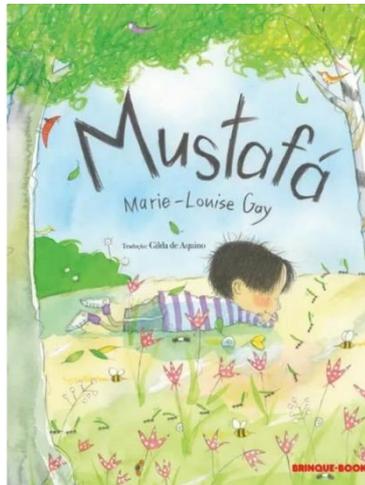
Neste mesmo período, descobri uma mala: a “Mala dos Saberes Deslocados”. A “Mala dos Saberes

Deslocados” é um projeto desenvolvido pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) que visa aproximar crianças e adolescentes das realidades vividas por pessoas refugiadas. A mala contém 15 livros e busca promover a empatia e o respeito pela diversidade, além de combater a xenofobia e outras formas de discriminação.

Uma história me chamou a atenção e me marcou como pessoa. Histórias podem ilustrar conceitos pedagógicos de maneira prática e acessível. Além de serem usadas como forma inspiradora, podem motivar professores a experimentar novas abordagens e técnicas em sala de aula. Histórias podem servir como ponto de partida para discussões profundas sobre práticas educacionais e desafios enfrentados no dia a dia.

A música e a cultura podem ser pontes para a inclusão e a adaptação em ambientes educacionais. A experiência dessa criança ilustra a importância de criar um ambiente acolhedor e sensível às necessidades linguísticas e culturais dos alunos. Projetos como a “Mala dos Saberes Deslocados” são essenciais para promover a empatia e o respeito pela diversidade, ajudando a combater a xenofobia e outras formas de discriminação. A inclusão de histórias e materiais que refletem a diversidade cultural pode enriquecer o aprendizado e

promover um ambiente mais inclusivo e compreensivo para todos os alunos.



“Mustafá” - Este livro conta a história de um menino chamado Mustafá que se muda para um novo país e enfrenta os desafios de adaptação e integração. É uma história tocante sobre imigração, identidade e aceitação.

“Clara, Cabelo Laranja” - Este livro aborda a questão da diversidade e da aceitação das diferenças. Clara é uma menina com cabelo laranja que aprende a amar sua singularidade e nos ensina sobre a diversidade de pessoas e suas qualidades.

“O Homem que Amava Caixas” de Stephen Michael King - Este livro fala de maneira simples e bonita sobre o relacionamento entre pai e filho.

Os livros infantis têm um poder incrível de nos tocar e transformar. Eles podem ser ferramentas pedagógicas valiosas, ajudando a ilustrar conceitos de maneira prática e acessível. Além disso, histórias inspiradoras podem motivar professores a experimentar novas abordagens e técnicas em sala de aula.

Aqui estão algumas maneiras de como histórias podem ser usadas na educação:

1. **Ilustração de Conceitos:** Histórias podem tornar conceitos abstratos mais concretos e compreensíveis para os alunos.
2. **Inspiração e Motivação:** Histórias de superação e sucesso podem inspirar professores a persistirem em seus objetivos.
3. **Discussões Profundas:** Elas podem servir como ponto de partida para discussões sobre práticas educacionais, desafios e soluções.
4. **Desenvolvimento de Empatia:** Histórias que abordam diferentes culturas e experiências de vida podem ajudar a desenvolver empatia e compreensão dos alunos para a diversidade.

Para finalizar este contexto, esta historia este pequeno texto consideramos que os livros infantis são ferramentas poderosas na educação, não apenas para ensinar conceitos acadêmicos, mas também para promover valores como empatia, respeito e aceitação.

Histórias como as de Mustafá, Clara e o homem que amava caixas oferecem lições valiosas sobre diversidade, identidade e relações interpessoais. Elas ajudam a criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e compreensivo, onde todos os alunos se sentem valorizados e respeitados. Além disso, essas histórias podem inspirar professores a adotar novas abordagens pedagógicas, tornando o ensino mais dinâmico e envolvente, assim se encerra os primeiros passos de uma jornada inspiradora.

Referências

Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) *Universal Desing Learning Guidelines* Eladio Sebastian-Heredero link; SciELO - Brasil - Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)

GALVÃO, IABEL. **Henri Wallon**. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis. RJ: Vozes, 2001.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005.

LA TAILLE, Yves de La. OLIVEIRA, Marta Kohl. DANTAS, Heloysa. **Teorias Psicogenéticas em discussão**. 1992

MAKATON – **Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)**

PEREIRA, M. C. da C. Língua, Linguagem e Educação de Surdos. In: Curso de formação de professores em

educação especial com ênfase em surdez. São Paulo: UPM, 2012. (acesso restrito)

QUADROS, R. M & FINGER, I. **Teorias de aquisição de linguagem**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SACKS, O. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos Surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SÃO PAULO (Município SP). **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental: Libras**. São Paulo: SME / DOT, 2008.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais**. – São Paulo: SME / COPED, 2019.

SME/DOT, **Manual de Orientação curriculares: expectativas de aprendizagem e orientações didáticas para educação infantil / secretaria Municipal de educação** - São Paulo: 2007.

VERCELLI, L. C. A. **O professor e o desenvolvimento emocional da criança pequena**. *Dialogia*, São Paulo, n. 17, p. 93-109, jan./jun. 2013. *Dialogia*, São Paulo, n. 17, p. 93-109, jan./jun. 2013. O professor e o desenvolvimento emocional da criança pequena.

Sobre a autora



Professora da rede pública há 18 anos, minha trajetória na educação é marcada por um profundo compromisso com a inclusão e a diversidade.

Sou formada pelo MACKENZIE como especialista em Educação Especial, com foco na área da Surdez, e possuo graduação em Letras Libras, além de uma formação em Psicopedagogia. Essa base me permite compreender e atender às necessidades específicas de alunos surdos e de outras crianças com diferentes formas de comunicação.

Dedico-me a estudar e pesquisar sobre as múltiplas infâncias e suas linguagens, reconhecendo que cada criança possui um modo único de se expressar e aprender. Acredito firmemente na importância de uma educação inclusiva, que respeite e valorize as singularidades de cada sujeito. Nesse contexto, defendo a aplicação do Design Universal para a Aprendizagem (DUA), que busca criar ambientes de aprendizagem flexíveis e acessíveis, permitindo que todos os alunos desenvolvam seu potencial máximo.

Ao longo da minha carreira, publiquei artigos que refletem minhas experiências e reflexões. Um deles, intitulado “Registros de um Diário de Bordo: A Prática do Professor de Educação Infantil e o Papel da Neurociência na Creche”, explora como as descobertas da neurociência podem informar e enriquecer as práticas pedagógicas na educação infantil. Outro artigo, “Crianças Surdas no Centro de Educação Infantil do Município de São Paulo: Antecipando Reflexões para Oferecer Educação de Qualidade”, discute estratégias para garantir que crianças surdas tenham acesso a uma educação de qualidade, promovendo sua inclusão e desenvolvimento.

A abordagem onde as crianças são protagonistas e o professor atua como escriba e provocador, pode ser muito poderosa. Quando as crianças têm a oportunidade de liderar suas próprias histórias e o professor observa atentamente, incentivando e aprendendo junto com eles, cria-se um ambiente de aprendizado ativo e significativo. Implementar essa abordagem pode transformar a dinâmica da sala de aula e promover um aprendizado mais profundo e engajado. Buscando o potencial de transformar a sala em um espaço vibrante de aprendizado. Quando as crianças se tornam protagonistas, eles se sentem com maior autonomia e motivados, o que pode levar a um envolvimento mais profundo com o conteúdo.

